

A ELITE DO EXÉRCITO

Everton Araújo dos SANTOS¹
Eduardo de Vasconcelos RAPOSO²

■ **RESUMO:** O artigo parte do questionamento sobre quais seriam os impactos de um contexto social marcado por profundas e aceleradas transformações em uma instituição caracterizada pela austeridade e tradicionalismo. No caso selecionado, analisa-se o Exército brasileiro e defende-se a hipótese de que essa instituição, tão marcada por essas arraigadas características, mantém sua organização, estrutura e atributos tradicionais pela atuação do seu grupo de elite, fundamentalmente os chamados oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Conclui-se que a formação oferecida pela AMAN e a presença desse grupo de elite geram um sentido de coesão no Exército brasileiro, de modo que seus membros, de maneira intergeracional, passam a compartilhar e se identificar por suas trajetórias em comum.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Exército brasileiro. Elite do Exército. Coesão institucional.

Introdução

Tiveram uma educação mais completa que a nobreza militar, a fim de não denegrir sua profissão por ignorância ou pelo despreparo no exercício da autoridade.

Edmund Burke,
Reflexões sobre a revolução na França.

¹ Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e Associação Educacional Dom Bosco – ADEB. Resende – RJ – Brasil. 27523-000. everton_adv@hotmail.com.

² PUC – RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 22451-900. raposo@puc-rio.br.

Grandes e rápidas têm sido as mudanças que hoje se verificam em todo o mundo. O Brasil tem vivenciado isso de maneira muito intensa por meio de grandes transformações sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e institucionais que se implementam no contexto da globalização. Conceitos tradicionais, tais como o de ordem, autoridade e papéis sociais, passam por uma significativa remodelagem. Isso tem gerado e alimentado tanto movimentos sociais quanto mudanças de mentalidade nos indivíduos. Essas mudanças se fazem sentir nas diferentes instituições sociais, transformando comportamentos, crenças, valores e opiniões dos seus integrantes.

Inserido nesta realidade, encontra-se o Exército Brasileiro, instituição pública que desenvolveu, ao longo de muitas décadas, uma profunda e complexa cultura institucional, arraigados valores próprios e uma intrincada estrutura organizacional. Conservador, tradicional, hermético, austero, reservado e avesso a investigações, o Exército, como instituição, fundamenta-se nos princípios da hierarquia e da disciplina, tendo como valor fundamental o conceito de autoridade e muito bem delineados os contornos dos papéis sociais a serem desempenhados por cada um dos indivíduos que o compõem.

As rápidas e profundas transformações vivenciadas pela sociedade brasileira e seus efeitos podem, com o tempo, mesmo que lentamente, promover mudanças no âmbito de instituições tradicionais calcadas em sistemas hierárquicos. Entretanto, é natural e esperado que essas instituições tradicionais e conservadoras reajam às mudanças na tentativa da manutenção de seu *status quo ante*, normalmente desenvolvido e consolidado ao longo de períodos de tempo muito extensos, constituído por arraigados valores da instituição e de seus integrantes. Valores que definem ações e posturas conservadoras e tradicionais esperadas e desejadas não só pelas instituições e seus integrantes, mas pela própria sociedade, ainda hoje.

O presente trabalho levanta e investiga a hipótese de que o Exército Brasileiro, instituição pública inserida numa sociedade que vivencia grandes transformações, tem mantido suas características conservadoras, preservando como valores fundamentais os conceitos de tradição, autoridade, hierarquia e disciplina, através da formação e manutenção de um grupo que se constitui numa verdadeira elite dentro das suas fileiras, presente em todos os seus segmentos. Elite que se caracteriza não somente por estar imbuída da perspectiva de preservação de

seus valores mais basilares, mas principalmente por pretender se constituir como a própria expressão desses valores, o que tem por efeito produzir em seus integrantes a certeza de que são os guardiões das tradições e os responsáveis pela preservação da sua identidade, construída desde os primórdios por seus patronos, Caxias, Osório, Sampaio, Mallet, Vilagran Cabrita, Napion, Rondon e Bitencourt.

Esse grupo, que chamamos de “a elite do Exército”, se constitui nos integrantes da carreira da linha de ensino militar bélico, isto é, os oficiais formados pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), comumente identificados, dentro da instituição, em todos os seus segmentos, como oficiais da AMAN.

O oficial da AMAN

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é a única escola de formação de oficiais de carreira da linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro. Todos os oficiais de carreira de Arma, isto é, Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, do Serviço de Intendência e do Quadro de Material Bélico do Exército, quer dizer, aqueles que desenvolvem a atividade-fim (no caso, a guerra, o combate, a missão operacional) da instituição, por isso mesmo a mais valorizada, são oriundos desta mesma escola de formação.

O Exército Brasileiro demonstra, com a existência de uma Academia específica, dispensar um cuidado muito especial com a formação e com o desenvolvimento desta carreira que, marcadamente, se caracteriza como a espinha dorsal da instituição. E não somente no que se refere à carreira profissional, mas prioritariamente no que diz respeito à formação moral de seus quadros.

O militar pertencente a este grupo ingressa no Exército ainda muito jovem. Hoje, o ingresso se dá por meio da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx – Campinas-SP), onde se realiza o equivalente ao primeiro ano do ensino superior. Após este período, os alunos vão diretamente para a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN – Resende-RJ), onde, como cadetes, em mais quatro anos, completam sua formação de oficial de carreira da linha de ensino militar bélico.

Ingressam, assim, muito jovens, através da Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx – Campinas-SP, onde já se encontram na condição de militares, para a realização

da sua formação de oficiais, curso de graduação, sem perspectiva de algum dia saírem deste campo, pois o militar de carreira, mesmo na reserva ou reformado, continua nesta situação de oficial do Exército.

Além do ingresso precoce, portanto, há que se levar em conta a perspectiva de permanência na instituição, que é por toda a vida. Não se espera que o cadete da AMAN pense, algum dia, em sair da instituição. Se entrar com esta intenção, o ambiente, os ajustamentos, os eficientíssimos processos de despojamento do “eu” a que estará sujeito farão com que a mantenha em segredo. Dificilmente “vencerá” os cinco anos de formação pensando desta forma: ou mudará sua expectativa ou desistirá do curso, haja vista as dificuldades que terá que enfrentar para chegar ao final do quarto ano da AMAN.

A imersão de um oficial de AMAN na instituição é profunda e muito longa. O Exército Brasileiro não possui ex-militar que tenha desenvolvido sua carreira de forma normal, inexistindo a figura do ex-general ou ex-coronel. O militar de carreira, após seus anos na ativa, é transferido para a reserva remunerada e, depois de mais algum tempo, é reformado, mas não deixa de ser militar nem perde seu posto. Conserva direitos e deveres, permanecendo sempre sob o regime jurídico próprio dos militares, inclusive para fins disciplinares, haja vista ser possível a um militar da reserva ou reformado cometer uma transgressão militar e ser punido disciplinarmente da mesma forma que o da ativa, seguindo o mesmo rito, conforme o art. 2º do Decreto nº 4.346, de 26 de agosto de 2002, que aprova o Regulamento Disciplinar do Exército – R-4 –, ao estabelecer que “Estão sujeitos a este Regulamento os militares do Exército na ativa, na reserva remunerada e os reformados” (BRASIL, 2002).

O oficial da reserva ou reformado continua se apresentando com o posto que possui e, dentro do Exército, recebe tratamento inerente à sua posição hierárquica. Ou seja, na imagem que tem de si próprio, mantém-se no último posto que ocupava na ativa. Esta característica distingue a instituição militar das demais categorias profissionais. Outras instituições da sociedade mais ampla, em situações excepcionais, ensejam que a pessoa receba tratamento referenciado a um cargo ou função que um dia ocupou, mas todas, inclusive ela própria, sabem que este é um procedimento meramente de consideração e respeito.

Exemplo disso se observa na forma comum e elegante de se dirigir a um ex-presidente da República, chamando-o de

presidente. Mas ele não o é mais e todos, inclusive ele próprio, sabem perfeitamente disso. Com o militar, isso não ocorre. Ele continua sendo e sempre será o general fulano ou o coronel sicrano, com toda a significação simbólica que disso advém para a psique do indivíduo nas suas relações pessoais, na posição que ocupa no ambiente social e, de forma mais abrangente, na sua relação com o mundo, permanecendo absorto na instituição militar e nela imerso, eterna detentora de suas principais referências como ser humano.

Exemplo clássico se verifica no tratamento dispensado a generais e coronéis da reserva ou reformados quando inseridos em grupos sociais estranhos à caserna, tais como igrejas ou condomínios residenciais nos quais passam a residir, onde são conhecidos e chamados, por todos, pelo posto antes do nome, não raras vezes, somente pelo posto. Fato, inclusive, muito comum.

As palavras de despedida de um oficial transferido para outra organização militar, servindo em uma Seção de Inativos e Pensionistas (SIP), consubstanciam bem este aspecto da profunda e longa imersão do militar na instituição. A SIP é o órgão responsável pelas pensionistas e pelos militares da reserva e reformados, constituindo-se na organização militar que eles passam a “integrar” ao ingressarem nesta condição, isto é, se constitui no elo que os mantém legalmente unidos à instituição.

Este oficial, cujas palavras de despedida ora são analisadas, atuou por um tempo razoável em contato diário com militares inativos e pensionistas, exercendo suas funções em atividades administrativas voltadas exclusivamente para este público. Ao se despedir daquela organização militar, iniciou seu discurso afirmando haver observado que o Exército cuida de seus integrantes com grande esmero desde o dia em que o jovem cidadão ingressa em suas fileiras até o dia em que é transferido para a reserva remunerada; cuidado que abrange todas as esferas da sua vida.

Depois que o militar passa à situação de inativo, a instituição continua cuidando com maior esmero ainda, pois surgem novas necessidades que se intensificam com o passar dos anos, com o envelhecimento, com o ostracismo, às vezes com a dificuldade de ajustamento à vida civil em função da grande dedicação ao serviço durante toda a sua vida, o que exige atenção especial por parte dos que continuam na ativa, havendo profissionais cujas funções regulamentares existem justamente para cuidar dos interesses dos companheiros que já cumpriram a sua missão.

Não somente dos interesses administrativos, mas tantas vezes de necessidades afetivas, haja vista ser tão comum velhos companheiros irem à SIP com seus álbuns de fotografias embaixo do braço somente para contarem seus “causos” como soldados, as antigas “estórias” vivenciadas na caserna, as “glórias” dos tempos passados. Ocasões nas quais evidenciam a necessidade única de serem ouvidos, quando não se cansam de repetir inúmeras vezes os mesmos relatos para o companheiro mais jovem ainda na ativa, que tem o dever, por ofício da função que desempenha, de parar o que está fazendo e ouvir com atenção, demonstrando, a cada nova versão contada, vívido interesse, sincera surpresa e admiração pelos feitos de outrora daquele velho soldado.

Observou, ainda, este oficial, que a SIP está sempre atenta aos direitos e ao bem-estar dos militares inativos em uma fase delicada de suas vidas, e concluiu afirmando que o Exército prossegue cuidando do militar não só durante seu envelhecimento, mas mesmo após sua morte, quando persiste considerando seus interesses nas pessoas dos seus familiares, seus dependentes, que se tornam pensionistas, substituindo-o nos cuidados que lhe eram dispensados, motivo de tranquilidade para todos os que são testemunhas disso, independentemente da situação, da fase da carreira e do momento da vida em que se encontrem.

Alguns dos oficiais presentes que ouviram estas palavras após a solenidade de despedida, nos cumprimentos, manifestaram sua admiração pelo que fora dito, concordando e aprovando esta percepção do oficial, e reconhecendo como é boa a instituição para com os seus integrantes.

As funções-chave da instituição são privativas destes oficiais, que nela ingressam em tenra idade e em caráter permanente, uma vez que, mesmo depois de concluída a carreira, continuam no posto que atingiram na ativa, o que tem um efeito psicológico e social muito forte no imaginário do indivíduo e do grupo como um todo. São destinados às funções de comando e Estado-Maior, compõem a maioria esmagadora do círculo dos oficiais-generais e são os únicos a atingirem o último posto, general-de-exército (quatro estrelas), quando passam a integrar o Alto-Comando do Exército.

Assim, os oficiais que compõem este grupo, que pode ser identificado como a espinha dorsal da instituição, possuem uma formação única, cultuam os mesmos valores e as mesmas tradições e têm uma trajetória profissional e de vida muito

semelhante, desenvolvendo, assim, uma mesma visão de mundo.

Cria-se assim um ambiente que impõe ao indivíduo uma única visão de mundo, com valores homogêneos e com uma mesma forma de pensar, agir, sentir, perceber e ver o mundo. Ou seja,

a derivação de nossos significados, quer sejam falsos ou verdadeiros, desempenha um papel indispensável, que é o de socializar os acontecimentos para um grupo. Pertencemos a um grupo não apenas porque nele nascemos, não porque professamos a ele pertencer, nem finalmente porque a ele prestamos nossa lealdade e obediência, mas principalmente, porque **vemos o mundo e certas coisas no mundo do mesmo modo que o grupo os vê** (isto é, em termos dos significados do grupo em questão). Em cada conceito, em cada significado concreto, está contida uma cristalização das experiências de um certo grupo (MANNHEIM, 1986, p. 49, destaque nosso).

A formação da elite

Uma turma de oficiais de carreira da linha de ensino militar bélico se constitui no dia em que tem início o curso de formação na EsPCEx e se consoma no dia da formatura de uma turma de cadetes da AMAN, sendo constituída pelos concludentes dos seus cursos, a saber: Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, do Quadro de Material Bélico e do Serviço de Intendência. A turma recebe um nome, por exemplo, a de 1989 chama-se Centenário da República, mas é sempre referenciada pelo ano da formatura, ou seja, pelo ano de conclusão do curso.

A *turma*, juntamente com a *Arma*, o *Quadro* ou o *Serviço* a que pertence o militar, é provavelmente a maior referência que possui um oficial do Exército. São dois dados que compõem sua identidade de militar, funcionando como um endereço que o posiciona dentro da instituição. São dados essenciais que, ao serem revelados, fornecem valiosas informações sobre todo o seu complexo de relações, tendo o condão de posicioná-lo perante os outros. Por isso, geralmente, a primeira informação buscada por oficiais de AMAN ao se conhecerem é a turma de cada um, principalmente se forem do mesmo posto, pois este dado os

posiciona hierarquicamente, um em relação ao outro, questão fundamental na convivência entre militares.

Mais do que isso, a turma revela todo o campo relacional do oficial, criando condições para a formação de um campo afetivo entre aqueles que se encontram pela primeira vez, pois indica conhecidos comuns que passam a funcionar como elo promotor de integração social. Quando se encontram em trajes civis, “à paisana”, dois militares recém-apresentados se identificam também pela Arma, Quadro ou Serviço, dado que revela um sem número de informações pessoais.

Cada *Arma* possui características muito peculiares, inculcando em seus integrantes uma identidade própria e marcante. Por este motivo, é corrente, no campo militar, o entendimento de que, *a priori*, se pode definir o temperamento e a disposição de um militar pela sua Arma, identificada pelas insígnias usadas nas golas da camisa do uniforme.

O *ano de formação* da AMAN é o endereço do militar, pois o integra a uma *turma*. Pela turma se faz o levantamento (i) do *posto* se em trajes civis, pois, fardado, este é revelado pelas estrelas localizadas nos ombros da camisa do uniforme; (ii) de sua *antiguidade* dentro do posto, além de revelar (iii) todo o seu *campo relacional*.

A *antiguidade* dentro do posto posiciona o oficial frente aos outros que têm o mesmo posto. Exemplificando, o ano de formação de um capitão revela sua exata *antiguidade* dentro daquele universo de capitães. Isto é importante porque, no Exército, dois militares jamais ocupam a mesma situação hierárquica; um será superior e o outro subordinado, por mais próximos que sejam. A antiguidade de oficiais integrantes de uma mesma turma é definida pela data da última promoção ou, sendo esta a mesma, o que é comum, pela classificação na Academia, isto é, pela média final de notas dos dois oficiais no curso de formação.

Assim, além da *antiguidade*, a turma revela o *campo relacional* do oficial, pois quando um oficial informa a sua turma (este é o jargão, “– qual a sua turma?”, “– sou da turma de 1989”), ele passa a ser uma pessoa identificada por suas relações, pois todos, em função da política de movimentação do Exército, que faz com que sejam constantemente transferidos de organizações militares, conhecem alguns oficiais daquela turma. Assim, quebra-se o gelo, “– ah! O senhor é da turma do major fulano, servi com ele em tal lugar” ou “– você é da turma do beltrano? Foi meu aspirante” (frase comum, dita por militares que receberam

e comandaram um aspirante egresso da AMAN na Organização Militar que serviam na ocasião).

Os laços que unem oficiais de uma mesma turma são muito fortes, haja vista terem convivido pelo menos quatro anos na AMAN, em uma fase marcante na vida da pessoa, isto é, o final da adolescência, e peculiar na carreira, qual seja, a formação na Academia Militar em regime de internato.

Arma e *turma* são, portanto, aspectos tão significativos que, quando dois oficiais se conhecem, a primeira coisa que reciprocamente identificam um no outro é, se em trajes civis, a *Arma* e a *turma*, identificada esta pelo ano de formação na AMAN; se fardados, somente a turma.

Roberto DaMatta (1997) esclarece que o campo relacional, revelado pela turma no caso de oficiais de AMAN que acabam de se conhecer, funciona para o brasileiro como fator de mediação que facilita o diálogo entre estranhos. Isso ocorre porque numa sociedade relacional, como qualifica a sociedade brasileira, prevalece “um sistema social fundado na *relação*, no *elo*, no *intermediário*, que promove a dinâmica social, criando *zonas de conversação* entre posições polares rigorosamente exclusivas de um ângulo prático ou individualista” (DAMATTA, 1997, p. 103).

É por esse mesmo motivo que “antes de ir a qualquer agência pública, a norma e a ‘sabedoria’ indicam sempre que se deve primeiro descobrir as nossas relações naquela área. Uma vez que isso é estabelecido, a atuação da agência muda radicalmente de figura” (DAMATTA, 1997, p. 83). Assim, a relação, no Brasil, “é um dado básico de todas as situações” (DAMATTA, 1997, p. 104), isto é, “as pessoas posicionadas numa teia de elos pessoais passam a ser automaticamente tratadas como amigas” (DAMATTA, 1997, p. 121-122).

Assim, conhecer um companheiro de turma de um oficial de AMAN é abrir importante canal de comunicação com ele, realidade reforçada pelo fato de que as relações existentes entre integrantes de uma mesma turma têm grande significado, haja vista terem sido forjadas em fase peculiar do desenvolvimento pessoal do militar como profissional e como ser humano. Fase da vida qualificada por experiências comuns muito importantes em vida comunitária, na qual normalmente o jovem afasta-se do lar pela primeira vez e entra em um regime de vida impessoal, rígido, frio, de internato, quando sofre um corte profundo e abrupto nas suas relações sociais anteriores.

A citação de Goffman (2008, p. 24-25) do relato de Sanford M. Dornbusch sobre o período inicial da vida de cadete pode facilitar a compreensão dos motivos pelos quais companheiros de uma mesma turma de Academia Militar, que não convivem somente por alguns meses conforme aqui relatado, mas por quatro anos neste regime de intensa atividade e ricas e profundas experiências comuns, estão definitivamente unidos por poderosos laços afetivos. Há que se levar ainda em conta que, após esses quatro anos de cadete, companheiros de turma continuam caminhando juntos na carreira e na vida, prosseguindo no convívio e na vivência de experiências semelhantes e comuns, pessoais e profissionais, inclusive na reserva e depois de reformados. Assim, relata o referido autor que

A ruptura nítida com o passado precisa ser efetivada em tempo relativamente curto. Por isso, durante dois meses o calouro³ não tem permissão para sair da base ou ter relações sociais com não-cadetes. Esse isolamento completo ajuda a criar um grupo unificado de calouros, e não uma coleção heterogênea de pessoas com alto e baixo *status*. Os uniformes são distribuídos no primeiro dia, [...] O papel de cadete deve sobrepor-se a outros papéis que o indivíduo estava habituado a desempenhar. Restam poucas indicações que revelem o *status* social no mundo externo (GOFFMAN, 2008, p. 24-25).

O indivíduo, portanto, passa a integrar um grupo social de jovens, todos em igual situação, onde o convívio, no rígido ambiente militar de interno, é muito intenso. Estão sempre na companhia uns dos outros, dentro de um mesmo e fechado grupo no qual ninguém, em hipótese alguma, poderá jamais entrar. Sempre juntos em todas as situações, por longos períodos de tempo sem interrupções, quando enfrentam juntos toda sorte de dificuldades, de privações, de provações, de sofrimentos, de alegrias e de vitórias: nas salas de aula, nos estudos, nas provas, nos exercícios no campo, nas refeições, no descanso, no trabalho, no serviço, no lazer, enfim, em todas as atividades durante quatro significativos anos da vida de um ser humano.

Isso explica porque dois oficiais de uma mesma turma, mesmo que por décadas sem se verem, ao se reencontrarem, geralmente vivenciam momentos de grande familiaridade;

³ No Brasil, chamado *bicho*.

oportunidade em que aflora toda uma rede de sentimentos, lembranças e experiências comuns.

A turma é tão importante que até a progressão na carreira do oficial de AMAN, quer dizer, suas promoções, estão condicionadas à sua turma de formação. As promoções ocorrem numa mesma época para cada posto, ocasião em que o lapso temporal entre o primeiro e o último promovido dos componentes de uma turma normalmente não ultrapassa um ano, independentemente da qualidade da trajetória de cada um na carreira. Assim, a turma une seus integrantes também pela progressão de suas carreiras, que se desenvolvem atreladas, haja vista toda a turma progredir em bloco até o último posto da carreira, a saber, coronel, pois a promoção a general é política, pelo critério de escolha, abrangendo uma minoria. Quando uma turma atinge a época de sua promoção a general, período de aproximadamente um ano para cada uma, os coronéis não agraciados com a promoção, a maioria do universo da turma, normalmente requerem transferência para a reserva remunerada sob pena de serem transferidos *ex officio*.

Por conseguinte, os integrantes de uma turma permanecem unidos até mesmo através das possibilidades de desenvolvimento pessoal, pois ficam condicionados ao ciclo da carreira que corresponde a cada fase vivenciada pela turma como um todo. Isso é, os integrantes de uma turma, em cada fase da carreira, exercem os mesmos tipos de funções, têm um mesmo período de assunção de comando, as mesmas oportunidades de missões no exterior, um momento determinado para realização das variadas modalidades de cursos, tudo condicionado ao ciclo da carreira no qual se encontra a turma na sua trajetória da AMAN ao generalato, à reserva e, mais tarde, à reforma.

Assim, o oficial realiza, nas diversas fases da sua carreira, inúmeros cursos, começando pela graduação na Academia Militar das Agulhas Negras, quando recebe o certificado de bacharel em ciências militares. Há cursos de especialização e extensão, equiparados às pós-graduações *lato sensu*, normalmente vocacionados para a atividade militar, a maioria realizada nas fases de tenente e de capitão. Mas também há cursos de natureza mais ampla, quer dizer, não exclusivamente militares, entretanto sob o total controle da instituição e para a exclusiva aplicação na atividade militar, como os realizados no Centro de Estudos de Pessoal – CEP –, no Forte do Leme, Rio de Janeiro, escola do Exército que oferece cursos de pós-graduação para oficiais nas áreas de comunicação social, coordenação pedagógica,

psicopedagogia escolar e idiomas, hoje sendo oferecidos inglês, espanhol, francês, italiano, alemão e russo.

Há outros cursos próprios da carreira do oficial, equiparados aos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu*, isto é, mestrado, doutorado e pós-doutorado. São os chamados cursos da carreira do oficial, que são três: (i) a formação na AMAN, graduação que confere a condição de bacharel em Ciências Militares, (ii) o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, realizado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) Rio de Janeiro-RJ –, realizado por capitães de uma mesma turma a cada ano, e (iii) o Curso de Altos Estudos Militares, realizado por oficiais superiores na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME –, na Praia Vermelha.

Dessa forma, os oficiais superiores e generais, na sua formação, especialização e aperfeiçoamento, percorrem uma trajetória acadêmica estabelecida pelo Sistema de Ensino do Exército. Os oficiais superiores que ocupam funções de comando, assessoria e Estado-Maior, e os que atingem o generalato, seguem uma trajetória acadêmica estabelecida pelo Sistema de Ensino do Exército, desenvolvendo um perfeito alinhamento aos valores da Instituição.

Alfred Stepan (1975, p. 41) destaca a correlação existente entre o sistema de educação e a estrutura de promoções e ocupação de funções de comando e Estado-Maior no Exército Brasileiro, quer dizer, os cargos e as funções de maior importância, poder e prestígio dentro da Instituição, esclarecendo que:

As normas burocráticas são obedecidas rigorosamente no tocante aos padrões educacionais do quadro de oficiais no Brasil. Cada promoção na carreira de um oficial exige a passagem por uma escola militar específica. Isto ajuda a imbuir os oficiais de um forte espírito de corporação. No Exército, todos os oficiais com responsabilidade de comando devem cursar os quatro anos de academia (Academia Militar das Agulhas Negras, AMAN). Para ser promovido a capitão⁴, o oficial deve frequentar durante um ano a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Para que possa concorrer à promoção a general, ou para indicação ao Estado-Maior de qualquer dos quatro Exércitos⁵ ou escolas militares, o oficial precisa passar no difícil exame de admissão à Escola de Comando

⁴ *Rectius*, major.

⁵ Grandes comandos do Exército, hoje denominados Comandos Militares de Área.

e Estado-Maior do Exército (ECEME) e depois frequentar um curso de três anos. [...] Assim, qualquer sucesso real no Exército brasileiro (sic) depende de realizações acadêmicas.

Além disso, há um sem-número de escolas técnicas especializadas e oportunidades de estudo no exterior (sobretudo na França ou nos Estados Unidos). Um estágio de um ano na Escola Superior de Guerra (ESG) está se tornando progressivamente uma norma para coronéis antigos e gerais jovens (STEPAN, 1975, p. 41).

Os oficiais ainda têm a opção de manterem, desde muito cedo, seus filhos estritamente dentro do ensino militar, por meio dos Colégios Militares, escolas integradas ao Sistema de Ensino do Exército, onde muitos alunos despertam o interesse, ou têm este interesse reforçado, para seguir a carreira de seus pais, prosseguindo seus estudos, sem solução de continuidade, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército e na Academia Militar das Agulhas Negras, como de fato tem sido a trajetória de muitos oficiais.

A elite da elite

Os primeiros colocados em algum curso da carreira do oficial são agraciados com a Medalha Marechal Hermes. No caso do oficial da linha de ensino militar bélico, quer dizer, do oficial de AMAN, os cursos considerados para a Marechal Hermes são os da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN –, graduação/formação; da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO –, aperfeiçoamento, realizado por todos os capitães e pré-requisito para promoção a oficial superior (major); e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME –, altos estudos militares.

O primeiro colocado em um desses cursos recebe a Marechal Hermes com uma coroa, se for primeiro colocado em dois recebe a segunda coroa e se for primeiro nos três recebe a terceira coroa. Assim é chamado de oficial coroadado, bicoroadado ou tríplice coroadado, respectivamente. Neste último caso se forma uma verdadeira lenda, como no caso do general João Batista de Oliveira Figueiredo, oficial de Cavalaria tríplice coroadado que chegou a presidente da República.

Há que se considerar, ainda, toda a expectativa que se forma em torno de um oficial coroadado ou bicoroadado no grupo social e nele próprio, principalmente quando estiver realizando qualquer

outro curso dentre os inúmeros possíveis dentro de cada ciclo da carreira, como os de especialização e extensão, pois se espera que, naturalmente, venha, sempre, a ser o primeiro colocado. Essa expectativa aumenta durante a realização de um curso da carreira que poderá agraciá-lo com mais uma coroa.

Cursos que tenham como alunos primeiros colocados de turmas diferentes geram uma expectativa ainda maior, pois são dois os grandes favoritos ao primeiro lugar. Nessas ocasiões, o desempenho de ambos é acompanhado por todos, formando-se até grupos de torcida, normalmente liderados pelos integrantes das turmas de cada um, que, em regra, torcem pelo seu “zero-um”. Mas nenhum militar, por mais discreto que seja, parece ficar incólume a essa disputa.

O primeiro colocado de cada Arma, Quadro ou Serviço no curso de formação da AMAN, isto é, aquele que foi agraciado com uma Medalha Marechal Hermes uma coroa, é chamado de “zero-um” da turma e passa a ser detentor de poderosíssimo capital simbólico.

O legítimo “zero-um”, quer dizer, aquele que, pessoalmente, comporta todas as características inerentes a essa condição no imaginário do grupo social, isto é, aquele que passa a portar o capital simbólico conferido por essa condição na sua plenitude e maior força e expressão, não é o “zero-um” estudioso, mas justamente o que conquista essa posição sem demonstrar havê-lo feito com grande esforço.

Mais que isso, “zero-um” de verdade é aquele que demonstra até um certo desleixo na conquista dessa honrosa posição, que demonstra mesmo nem ter interesse nisso. O legítimo “zero-um” é agraciado por um dom ou por um talento natural que faz dele “zero-um”. A média final das notas superior às dos demais é apenas um sintoma que confirma sua condição. O “zero-um” legítimo não se torna “zero-um” por esforço pessoal, ele é “zero-um”, e os altíssimos graus que obtém nas provas apenas permitem que tome posse da sua posição, quer dizer, somente revelam sua condição. O verdadeiro “zero-um” tira notas altíssimas e se destaca sem se esforçar para isso ou mesmo sem demonstrar almejar esse destaque. O estudo metódico e constante num “zero-um” pode diminuir-lhe o brilho e enfraquecer o valor da sua posição.

Sérgio Buarque de Holanda (2006, p. 83) explica esse fenômeno típico da sociedade brasileira que se manifesta tão claramente no ritual e no significado da aquisição da Medalha Marechal

Hermes. Quer dizer, este ritual e seus significados se constituem em uma das manifestações de uma característica típica não do Exército, mas da sociedade brasileira.

Com efeito, esclarece o citado autor que a “inteligência”, numa sociedade com características aristocráticas e paternalistas, corresponde “à necessidade que sente cada indivíduo de se distinguir dos seus semelhantes por alguma virtude aparentemente congênita e intransferível, semelhante, por esse lado, à nobreza de sangue”. Nesse sentido, prossegue Holanda, a “inteligência” é um princípio essencialmente antimoderno, “oposto ao sentido de todo o pensamento econômico oriundo da Revolução Industrial” (HOLANDA, 2006, p. 83).

É por isso que “o verdadeiro talento há de ser espontâneo, de nascença, como a verdadeira nobreza, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração, aos ofícios vis que degradam o homem” (HOLANDA, 2006, p. 181).

A classificação obtida no curso da AMAN é de fundamental importância para toda a carreira do oficial. Essa classificação influencia, inclusive, as oportunidades que se abrirão ao longo da carreira do militar. As promoções a oficial superior, por merecimento, e a oficial-general, por escolha, são grandemente influenciadas por essa classificação. A “carona” não é a regra, mas a exceção. Isto é, um oficial normalmente só é ultrapassado, quer dizer, “leva uma carona”, se houver sofrido algum problema na carreira, como, por exemplo, uma punição. O reverso funciona da mesma forma, um oficial só ultrapassa, quer dizer, “dá uma carona”, se houver feito algo de extraordinário. Dentro da normalidade do desenvolvimento da carreira, essa classificação tende a prevalecer até o fim.

O primeiro colocado de cada Arma, Quadro ou Serviço de uma turma, conforme visto acima, é chamado de “zero-um” e o último de “e”. A partir dessa definição, o “zero-um” sempre será chamado dessa forma e o “e”, também. “Zero-um” porque a classificação do cadete e do oficial é contada da seguinte forma: “zero-um”, zero-dois, zero-três, ..., “e” o nome do último. Sempre que se fizer uma relação com os nomes dos integrantes de uma turma, a ordem deles invariavelmente observará essa sequência. Cada um tem o seu exato *lugar na fila*, como diria Foucault (2009, p. 138-141). Qualquer inversão gera mal-estar. Assim, numa relação, os nomes de todos serão separados por vírgula, à exceção do último, precedido pela conjunção “e” e sucedido pelo

ponto final. Por esse motivo, o único militar da turma a ocupar essa última posição recebe a alcunha de “e”.

Existe uma verdadeira mística em torno do “zero-um”. Quando, por exemplo, um “zero-um” se aproxima de um grupo qualquer de militares, quem o conhece já informa se tratar de um “zero-um”, o que desperta em todos curiosidade e admiração. É quase uma celebridade. O “zero-um” de cada Arma, Quadro ou Serviço de uma turma é um símbolo para aquele grupo, que normalmente o vê como um representante e cujos integrantes lhe devotam admiração e têm nele motivo de orgulho. Quer dizer, é uma referência para a turma.

Quando se comenta sobre algum oficial, a exemplo de um militar esperado em determinada Unidade por motivo de transferência ou nomeação de comandante, quer dizer, quando um oficial já está transferido para uma organização militar, mas ainda não se apresentou pronto para o serviço, se ele for o primeiro da turma, já se dirá tratar-se de um “zero-um”. Uma organização militar é prestigiada ao receber um “zero-um”, e prepara-se para isso. Dentro das Armas, Quadro ou Serviço, há mesmo organizações militares que tradicionalmente recebem “zeros-um” e outras, “es”.

O “zero-um” é percebido por todos, e inclusive pelo seu próprio comandante, como um futuro general, como alguém inteligentíssimo, genial, especial, dedicado, agraciado com todos os valores e atributos inerentes ao profissional das armas. Um legítimo representante da instituição. Muito dele se espera, porém a ele todo respaldo e apoio são dados. Todo esse crédito a ele conferido faz dele realmente alguém especial, dedicado e competente. As coisas feitas por ele dão certo. É apoiado, seguido, respeitado e levado a sério por todos, em todas as suas observações e posicionamentos, inclusive por seus superiores. Este parece ser o grande diferencial de um “zero-um”: ser, a priori, respeitado e ouvido por seus superiores e por seu próprio comandante. Ser um “zero-um” significa começar a carreira já sendo detentor de poderoso e riquíssimo capital simbólico.

Assim, a classificação dos oficiais na turma tem grande peso nas promoções por merecimento, quer dizer, para oficial superior, e por escolha, isto é, para oficial-general, bem como em todos os processos seletivos de que participará o oficial ao longo da sua carreira. Um “zero-um” somente muito excepcionalmente não atinge o generalato, pois a carreira, as circunstâncias e as pessoas o encaminham naturalmente para esse fim. Espera-se isso dele.

Desde muito cedo ele é preparado pela instituição para isso. Ou seja, o “zero-um” já é um oficial selecionado pela instituição, desde o início da sua carreira, para atingir seus postos mais elevados e comandá-la. Uma vez selecionado, o Exército, ao longo de décadas, cuidará dele e do seu desenvolvimento profissional e pessoal com muito esmero, primor e atenção, para que, ao fim, ele venha a ocupar o topo da carreira e dirigir a instituição.

Esse processo não está escrito em nenhum lugar, mas é real. O “zero-um” recebe orientação desde cadete, quando manifesta, ainda no 1º ano, tendências a ser o primeiro colocado. Orientações que o seguirão durante toda a sua vida, não somente verbais, mas também através das oportunidades que, naturalmente, se abrirão e direcionarão sua trajetória e pela forma como será tratado por todos. Este é um aspecto que evidencia a força do poder simbólico se manifestando de maneira clara no campo militar e influenciando decisivamente na formação de uma elite dentro da elite.

Conclusão

É curioso observar o encontro casual de dois cidadãos que nunca tenham se visto antes, num ônibus ou num aeroporto, por exemplo, no qual um seja um jovem tenente e o outro um velho coronel reformado. Ao se conhecerem e descobrirem que ambos são oficiais de Academia, sentem-se completamente à vontade em estar um na companhia do outro. Pisam tranquilamente terreno sólido e familiar e, tão logo façam essa descoberta, invariavelmente se identificam pela turma de formação da AMAN e pela Arma, Quadro ou Serviço a que pertencem.

Parecem e de fato se sentem como velhos amigos, como se pertencessem a uma mesma família, às vezes até como parentes próximos. E de certa forma o são, pois falam das mesmas coisas, descobrem muitos conhecidos comuns (o “cadete ou aspirante do coronel” pode ter sido o comandante do tenente, por exemplo), têm as mesmas opiniões e idênticas são as suas experiências, parecendo mesmo se conhecerem há muito tempo. Um se vê no outro: o jovem é o que o velho já foi; o velho, o que o jovem será. Ou seja, a trajetória profissional e de vida de ambos é a mesma; por isso, conhecem a mesma linguagem e transitam nela juntos com toda a desenvoltura, comungando da mesma visão de mundo.

A Academia Militar única, a AMAN, produz efeitos muito poderosos de coesão e identidade no Exército Brasileiro, pois até os apartamentos; as salas de aula; os campos de instrução e, lá, a

fazenda Boa Esperança e os morros Saboia, Saboião e Saboinha, a FIT (Fibra, Iniciativa e Tenacidade) e a Pista Marechal Rondon; os parques dos cursos; as alas das subunidades e as entrealas; os anfiteatros; o refeitório; os grêmios; a cantina; o AGM, Auditório General Médici e o cinema acadêmico; o pátio interno e o pátio de formaturas (Pátio Marechal Mascarenhas de Moraes e Pátio Tenente Moura); o Saguão das Placas; a biblioteca; a cidade; os restaurantes na cidade frequentados pelos cadetes; a rodoviária; o retão, o famoso retão de 800 metros que cruza o Campo de Marte e liga as monumentais colunas do Portão Monumental da AMAN ao Conjunto Principal; a frase “Cadete, ides comandar, aprendei a obedecer”, são os mesmos de gerações de oficiais já há tantas décadas.

Após declarado aspirante-a-oficial, o militar que sai da AMAN serve nas mesmas organizações militares espalhadas em todo o território nacional dentro da Arma, Quadro ou Serviço a que cada uma pertence. Assim, na referência acima ao jovem tenente e ao velho coronel, se fossem ambos, por exemplo, oficiais de Cavalaria, maior ainda, por inúmeros motivos, seria a identidade entre eles, dentre os quais, o de conhecerem os dois as mesmas Unidades, mesmo que não tenham ali servido pessoalmente, e muitos dos militares que ali serviram.

Quem serve, por exemplo, no 9º Regimento de Cavalaria Blindado, em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, antes mesmo de lá se apresentar pronto para o serviço, assim que é publicada sua transferência, já toma ciência de que nessa Unidade, um dia, servira um tal Major Figueiredo, mais tarde general-de-exército e presidente da República, que se tornou, por isso mesmo, uma figura proeminente dentro da Cavalaria.

Nesta situação, quer dizer, na qual dois ou mais oficiais de Cavalaria se encontram, invariavelmente vem a pergunta: “E no sul, onde você (ou o senhor) serviu?”. Isto ocorre pelo fato de que a maior parte das Unidades de Cavalaria concentra-se no Rio Grande do Sul. Assim, é muito comum o oficial de Cavalaria, em alguma fase da sua carreira, passar por aquela região, tida pelos cavalarianos como a região onde verdadeiramente reside o “espírito” daquela Arma.

Estes, dentre muitos outros, são aspectos de identidade que se verificam entre oficiais de Cavalaria que facilitam grandemente a aproximação entre eles, que, mesmo desconhecidos, tornam-se próximos muito rapidamente. Daí a famosa frase: “onde se encontram reunidos dois ou três cavalarianos, encontra-se, aí,

uma confraria". Mas é importante ficar claro que cada Arma, Quadro ou Serviço possui suas próprias peculiaridades que criam e fortalecem a identidade entre os militares que as integram. Aqui, são citadas estas peculiaridades da Arma de Cavalaria somente a título de exemplo e pelo fato de o autor ser um oficial de Cavalaria, tendo vivenciado e ainda vivenciando estas experiências. Quer dizer, pertencer a uma mesma Arma, Quadro ou Serviço fortalece consideravelmente a identidade entre os militares que as compõem.

Contudo, independentemente da Arma, Quadro ou Serviço a que pertença um militar, há que se levar em conta o fato de que o general comandante da AMAN foi cadete exatamente como aquele jovem que hoje adentra solenemente pelo mesmo Portão Monumental da Academia, à margem da Rodovia Presidente Dutra, no km 306, na cidade de Resende, no Rio de Janeiro, usando o mesmo uniforme, através de uma mesma cerimônia de passagem que tem o condão de transformar um jovem civil num cadete, com os mesmos sentimentos, ideais e perspectivas. Da mesma forma como aconteceu, um dia, com todos os comandantes em todos os níveis e escalões do Exército Brasileiro. Com o próprio comandante do Exército e com todos os integrantes do Alto-Comando. É a força da tradição que se evidencia. A força da forma, como se pode depreender do que ensina Bourdieu:

A proximidade dos interesses e, sobretudo, a afinidade dos *habitus*, ligada a formações familiares e escolares semelhantes, favorecem o parentesco das visões do mundo. Segue-se daqui que as escolhas que o corpo deve fazer, em cada momento, entre interesses, valores e visões do mundo diferentes ou antagonistas têm poucas probabilidades de desfavorecer os dominantes (BOURDIEU, 2010, p. 242).

Estes oficiais reproduzem sua linguagem nas escolas de formação de sargentos e, juntos, oficiais e sargentos reproduzem-na na formação dos demais militares, quer sejam de carreira quer temporários. Daí a coesão da instituição, a identidade sólida, a hegemonia dominante, a confiança mútua entre superiores e subordinados e entre pares entre si: a mesma fala, a mesma linguagem, a mesma visão de mundo, a mesma verdade... a única possível.

SANTOS, E. A. dos; RAPOSO, E. V. The elite of the Army. *Perspectivas*, São Paulo, v. 53, p. 59-79, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT:** *The article starting point is the question about the impacts of a social context, characterized by profound and accelerated transformations, in an institution defined by austerity and traditionalism. In the selected case, the Brazilian Army is analyzed and we work with the hypothesis that this institution, so identifiable with these ingrained characteristics, maintains its organization, structure and traditional attributes due to the actions of its elite group, fundamentally the so-called Academy officers of the Academia Militar das Agulhas (Negras Military Academy of Agulhas Negras, shortened as AMAN). We conclude that the training offered by AMAN and the presence of this elite group generates a sense of cohesion in the Brazilian Army, so that its members, in an intergenerational way, share and identify themselves through their common life trajectories.*

■ **KEYWORDS:** *Brazilian army. Army elite. Institutional cohesion.*

Referências:

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz (português de Portugal). 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Decreto nº 4.346, de 26 de agosto de 2002: aprova o regulamento disciplinar do Exército (R-4) e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4346.htm. Acesso: 2 mar. 2019.

DAMATTA, R. *A casa & a rua*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 37ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Organização de Ricardo Benzaquem de Araújo, Lilia Moritz Schwarcs. Ed. rev. Edição comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara: 1986.

STEPAN, A.C. *Os militares na política: as mudanças de padrões na vida brasileira*. Tradução de Ítalo Tronca. Rev.: Salvador Pittaro. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.